



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISABEL JANAY HINCA DA SILVA

AFETOS: A COMPLEXIDADE DO OLHAR NA CAMINHADA

MATINHOS, PR

2019

ISABEL JANAY HINÇA DA SILVA

AFETOS: A COMPLEXIDADE DO OLHAR NA CAMINHADA

Artigo apresentado ao curso de Pós-Graduação em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, Setor do Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar.

Orientador: Dr. Valdo José Cavallet

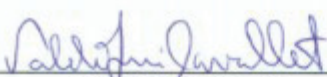
MATINHOS

2019

PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor **Dr. Valdo José Cavallet**, realizaram em 29 de novembro de 2019 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Isabel Janay Hinça da Silva** sob o título "AFETOS: A COMPLEXIDADE DO OLHAR NA CAMINHADA", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 29 de novembro de 2019.



Dr. Valdo José Cavallet
Professor Orientador



MSc. Miriam Cristina Lopes
Professora Integrante



MSc. Neiva Silvana Hack
Professora Integrante



Isabel Janay Hinça da Silva
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

RESUMO

O presente artigo, conclui uma etapa da minha vida, a pós graduação na Universidade Federal do Paraná, não uma simples passagem, mas nele utilizo a história de vida como um potencial para outras questões, um tanto egocêntrico e realista de dizer que o que fazemos, o que pesquisamos e o que escrevemos está diretamente ligado aos fatos que fizeram nossa trajetória humana, por isso, trabalho a minha história com o foco na minha atuação profissional no Centro Social Marista Propulsão sobre a temática dos afetos. Relato uma breve pesquisa sobre a compreensão que as juventudes que atendo trazem sobre afetos diante de suas realidades urgentes.

Palavras-chave: 1. Afetos 2. Juventudes 3. História de vida

ABSTRACT

This article concludes a period in my life, a postgraduate studies at the Universidade Federal do Paraná, it is not only a passage, but I use the life history as a potential for other issues, somewhat a little bit egocentric and realistic to say that, what we do, what we have researched and what we have written is straight linked to facts that made our human journey, therefore I introduce my story focused on my professional performance at Centro Social Marista Propulsão on the theme of affects. I report a brief survey of young people's understanding of affection in the face of their urgent realities.

Keywords: 1. Affections 2. Youths 3. Life Story

INTRODUÇÃO

Viver é estar com os outros. Vive-se com outrem: a essência da vida é a intercorporeidade e a intersubjetividade. Os vivos estão entrelaçados. (Chauí, 2010)

Este artigo consolida uma das minhas vivências, sendo ela o Curso de Especialização de Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, nos anos 2018 e 2019, na UFPR Litoral (Matinhos, PR). Esse trabalho foi construído de uma grande desconstrução, criando desafios da utilização de uma metodologia nunca antes utilizada. A grande provocação veio do meu orientador, que falou que é possível sair das caixas acadêmicas, minha escolha pelo tema se dá pela minha cartografia, como a minha história se consolidou até aqui.

Ao iniciarmos uma caminhada, fazemos um traço do que pensamos que seria seu começo, meio e fim, mas ao longo da construção da minha carreira profissional, logo descobri, que nada nos prepara integralmente para a realidade de fato, estude quais teorias sejam, leia todos os filósofos, estude sociologia, antropologia e outras ciências, mas nada como o traquejo da caminhada para ensinar que, teorias, método, instrumentais importam, mas a dança da realidade te mostra que é preciso saber o imprevisto do erro, protocolos não bastam em vidas urgentes. A fome é hoje, a cama está molhada hoje, o gás acabou hoje, o uso veio hoje.

Viver em realidade sem meus grandes óculos de cores engraçadas, me fizeram entrar em jornadas das quais jamais imaginei, se a vida acontece fora da nossa zona de conforto, saiba que estou vivendo intensamente. Parte dos meus grandes desafios surgem na minha atuação profissional como assistente social, com adolescentes que fazem ou fizeram uso de álcool e outras drogas. Gostaria de afirmar com toda a certeza que todos os meus estudos em Políticas Nacional de Drogas, Parâmetros para Atuação de Assistentes Sociais na Política de Assistência Social, fluxos da assistência social, da saúde, entender de proteção integral da criança e do adolescente me fizeram uma assistente social melhor, tecnicamente sim. Mas preciso lembrar todos os dias que é necessário olhar nos olhos, não esquecendo que para além de prontuários, eu trabalho com vidas.

Diante disso, trago algo que para o Serviço Social é caro, assistente social, raramente fala de afetos, pois é necessário manter a postura ética inabalável e extremamente prejudicial a sua saúde mental. Longe de mim colocar a minha vida como um livro aberto para cada adolescente que atendo, mas quero olhar com

cautela como cada vida viva aparece diante de mim, com o compromisso ético que eu tracei, não cabe a mim, enquanto assistente social ver somente a realidade como se apresenta, é preciso ter sensibilidade para olhar além dos olhos.

Esse trabalho é escrito de forma totalmente diferenciada e pode ser até questionada em quesitos acadêmicos, é uma tentativa de dialogar a prática com a teoria, não que ela seja completamente contemplada, visto que, vivemos em caixas e sair delas nunca é tarefa fácil, parece uma dança em desarmonia, hora o ritmo bate, horas o ritmo atropela. O que eu aprendi narrando uma parte da minha história é que de fato, em muitos momentos deixamos de assumir o nosso protagonismo para vivenciar uma vida que nem se quer gostamos, pensamos ou acreditamos. A complicada história de deixei a vida me levar e ela levou. *O quanto de nós é nosso e o quanto nem se quer refletimos sobre?*

Se couberem agradecimentos dentro de artigos, eu não tenho plena certeza, mas já que quebrei um dos grandes protocolos acadêmicos que é a não utilização da terceira pessoa para escrita. Agradeço as pessoas que construíram minha história junto comigo, aos bons professores que se intitularam mestres e aos grandes pensadores de botecos, aos amores que vivi, dos lugares que passei, das casas que morei, das trocas que aconteceram, de cada um que passou da sua forma, obrigada! A vida acontece e a gente existe com a diversidade.

Por fim e não menos importante, o presente artigo, narra a minha história de vida e minha visão sobre uma breve conversa feita com adolescentes atendidos no Centro Social Marista Propulsão, sobre o que eles entendem por afetos.

PARTIMOS DO EGOCENTRISMO, FUNDAMENTAL, EU DIRIA.

Quem explica a história da vida humana? O que é você ser humano? Você é construído de que? De matéria? De sonhos? De energias? De outras vidas? A grande trajetória da vida está em nos conhecermos e passamos uma longa jornada construindo uma história, uma vivência significativa para que, por fim, nos perguntemos quem somos nós? A religião, a filosofia, as ciências humanas, por seus diversos caminhos, tentam explicar quem somos, para que existimos, para onde vamos, o que de fato nos move. Para cada um, a explicação será diferenciada, para alguns, a vida não terá sentido nenhum, se não somente viver, para outros, em cada fase da vida ela mudará o sentido, para outros, o grande sentido da vida é defender uma causa, poderíamos falar de todas elas, mas compreende que ela é única para cada um? Para isso, eu explicarei ao longo dessas breves páginas a minha concepção de vida e maior construção humanitária – nesse presente momento da minha história – para a transformação da realidade pelas lentes que eu vejo o mundo, **o afeto**.

Meu nome é Isabel, eu tenho 23 anos, e quando nos apresentamos, começamos falando em geral pelo nosso trabalho, pois nossa profissão fala muito sobre nós, mas eu deixarei esse ponto para depois.

Meu apelido, mesmo antes de eu nascer sempre foi Bel, quando minha mãe soube que era uma menina, ela queria mesmo que fosse Mariah, mas ela falou que ninguém acertaria e me chamariam de Maria, o que ela não sabia é que as pessoas também iriam mudar meu nome para Isabela, Isabele, Isadora, Elisa, todas as variações possíveis já aconteceram.

Durante os anos de escola e os anos de faculdade alguns amigos me chamam de Isa, meu nome completo é Isabel Janay Hinça da Silva por anos eu não gostei do meu segundo nome *Janay*, eu sabia somente que era o nome da irmã do meu pai, que faleceu antes de eu nascer, mas o que eu descobri ao longo dos anos, foi o quanto ela sempre foi uma mulher forte que lutou pela sua sobrevivência, mas que infelizmente, alguns se vão cedo.

Nasci no dia 14 de abril de 1996, pelo que minha mãe conta, sempre fui teimosa, o médico falou que eu nasceria dia 07, eu não queria, então eu nasci já dando muito trabalho e fiz minha mãe passar horas em trabalho de parto, quando falaram “Ou nasce agora, ou é cesárea” eu nasci. Dizem que signo importa e por

todas as vezes que eu falei o meu, automaticamente uma cara de certo medo e desprezo se manifestam, dizem também que o meu signo é o da braveza e do impulso, o primeiro signo do zodíaco, Áries, ascendente em Touro e Lua em Peixes.

Sou filha do seu Jason e da dona Dinorá, meus pais por terem nomes difíceis, escolheram nomes fáceis para os filhos, meu irmão mais velho se chama Lucas e têm 28 anos, Luli ama cinema, fotografia, cachorros e cuidar de suas plantinhas no quintal.

Nossas histórias são construções diárias, com tantas vivências, tanto de outras pessoas, tanto nos misturamos com a realidade que convivemos que em certos momentos, pensamos “O que é meu de fato e o que é do outro?”. E nisso podemos levantar um questionamento, é possível essa concreta dissociação do outro e de nós? Ou nos construímos também na vivência com as outras pessoas, de fato, não tenho respostas para isso, quem dera eu tivesse. Quem explica a mente? Quem explica o comportamento? Quem explica o ser humano em sua ampla complexidade, se não várias pessoas com suas várias visões, em diferentes áreas do conhecimento.

Parto do ponto que, enquanto indivíduos, nos construímos com as nossas vivências, com o que vimos com o que sentimos com quem nos relacionamos quem amamos, onde nasceram, mas tem coisas que não explicam o ser humano, como por exemplo, a diferença tão significativa entre irmãos gêmeos com as mesmas vivencia por anos, a mesma família, até mesmo as mesmas escolas, amigos, cada um interpretará a vida de sua forma, quem escolhe isso? Quem dita isso? Há controle nisso? Para que tudo isso?

Nós sozinho não explicamos a vida, por isso nos apropriamos de várias formas de comunicação, dentre elas eu sou apaixonada pelas artes, acho que elas comunicam tanto, gosto de poesia e de filmes franceses que ninguém gostaria, de séries não famosas, ao mesmo tempo, gosto de correr ouvindo RAP – *Baco Exu dos Blues*, já ouviu falar? Se não, aconselho, desde que eu comecei a trabalhar com adolescentes, eu comecei a ver a música de uma forma diferente, talvez escutei mais com o coração, compreende? Por fim, até agora não falei sobre o meu trabalho, eu sou assistente social no Centro Social Marista Propulsão, desde março de 2018, trabalho com redução de danos com adolescentes e isso ampliou meus horizontes de diversas formas, logo falarei mais sobre isso.

Outra coisa importante para mim, gosto das intensidades! Do café forte e quente, de fumar o cigarro até o filtro chegar, não que eu goste muito das coisas eternas, acredito mesmo é que a vida é feita de detalhes, portanto, enquanto estiver nessa jornada, te convido sinceramente a desfrutar tudo ao máximo, lembrando que, água morna não serve nem mesmo para fazer chá.

Quero contar para você que está lendo e para a Isabel do futuro, que provavelmente se esquecerá de quem foi algum dia, seja pelo tempo ou seja pelo vasto esquecimento da humanidade, uma parte da minha jornada estudantil, para que assim, eu possa falar da coisa que me move enquanto pessoa, enquanto profissional, enquanto namorada, em todas as áreas, que eu transito, em todos os papéis que eu assumo nesse planeta, por desconhecer os outros, aos **navegantes, bem vindos a bordo**. A trajetória é longa, mas não tem o objetivo de ricos detalhes, só cabe o que transborda em mim, o afeto.

DE LÁ PARA CÁ, OU DE CÁ PRA LÁ?

Minha trajetória na educação formal começou durante a primeira infância, meus pais julgaram importante a socialização com crianças da mesma idade, mas eles sempre compreenderam que todas as formas educativas desde as brincadeiras, até a convivência religiosa. Aprendi a ler e escrever com 05 de idade, um pouco antecipada, mas meus pais sempre me incentivaram a ler bastante.

Ao entrar na escola, eu passei por dois anos de educação infantil, aos 04 anos, em uma escola particular e logo depois fui para uma escola municipal no bairro onde eu residia. A experiência foi diferenciada fui de uma escola muito pequena para uma muito grande. Era a escola que meu irmão já tinha estudado e em pouco tempo eu já tinha feito alguns amigos. Eu tive algumas amizades importantes, a Millena, que hoje é arquiteta e não temos mais contato, só por redes sociais. A Duda nos reencontramos depois de longos anos e hoje jogamos futebol juntas todas as terças e quartas, a Yas que não tenho ideia de onde está, mas eu lembro de partilharmos muitas coisas, ainda tinha a Maiara, que foi morar fora do país e a Amanda que ainda no começo da adolescência mudou para outro estado. Nos primeiros anos escolares, algo em mim foi despertado pela “justiça social”, no caso eu entendia que precisava me defender e defender meus afetos, em alguns momentos tive que responder por isso e se você, em algum momento já estudou em uma escola que não é de região central, deverá lembrar que, as leis escolares acontecem de uma forma diferenciada, os pais trabalham, as famílias não tem tempo para comparecer nas responsabilidades escolares, eu era exceção, não regra, meus pais, principalmente minha mãe sempre participaram da minha vida escolar e das múltiplas formas de ensino que eu percorri. Eu era, portanto, uma criança tida como briguenta, **mas eu nunca gostei de ver a injustiça**, o conflito, ao longo da minha vida, foi, no entanto, entender o que era a injustiça sem necessariamente um olhar único, mas construir um processo reflexivo ao longo dos meus 23 anos me possibilitou uma leitura de realidade ampla.

Estudei durante 4 longos anos na Escola Municipal Eneias Marques dos Santos, nunca tive ideia de quem foi Eneias, ou se de fato não foi ninguém, mas sempre me referi ao nome da escola em associação com um político já falecido, que em suas propagandas falava “*meu nome é Eneias*” – com uma voz rouca de quem falava alto e fumava. Durante os anos iniciais no Fundamental I, eu tive duas

grandes professoras, a M. e a R. lembro delas como quem lembra do café quente no final da tarde na casa da avó, com cheiros, texturas e muita lembrança. A professora M. me ensinou pelo afeto, ela era rígida e tinha sido a professora do meu irmão mais velho também, então, por diversos momentos, eu fui a irmã do Lucas. A professora R. me ensinou o medo, lembro até hoje, o dia que eu tive uma prova logo depois do feriado do sete de setembro, em que eu chorei por 4 dias seguidos tentando aprender os tempos verbais, gramática até hoje não é minha maior aliada, dou graças sempre pelo corretor automático. Essa professora dividia a sala criteriosamente em três grandes grupos, separados por fileiras, os que passariam de série – eu estava nesse grupinho, os que talvez fossem passar de ano e os que, em seu julgamento precisavam voltar para a série anterior.

Ao longo dos estudos no ensino fundamental I, eu fiz aulas de dança – contemporânea, xadrez – onde eu fui campeã municipal na minha categoria e música – aprendi a tocar flauta doce, que toquei até os 16 anos de idade.

Durante o Ensino Fundamental II, eu fui para uma escola que tinha o dobro de alunos, Escola Estadual República Oriental do Uruguai, onde estudei durante os quatro anos, a quinta série trouxe um mar de novidades, eu teria professores diferentes, aulas diferentes e eu finalmente teria ciências. Eu poderia usar caneta azul e finalmente minhas canetas coloridas, usaria caderno “grande” que meu irmão e meus primos já usavam. Era a primeira etapa para uma vida de “gente grande” – mal saberia eu, o quanto eu detestaria a escola pelos próximos anos. Primeira semana de aula, eu já fiz meus aliados, meus amigos não estavam mais comigo, agora era hora de tentar novos grupos, novas ideias e meus pais só pediram para eu me manter longe de confusões, agora eu estudava com os “grandes” e foram ao longo de quatro anos que eu fiz questão de ser a melhor aluna da classe, ser *nerd* era algo que eu me orgulhava. Eu sempre tive uma educação familiar rígida, enquanto meus amigos da escola beijavam em baixo da árvore com 12 anos, eu estudava inglês, música, dança e ia para a igreja – considero parte importante na minha vivência essa vivência comunitária na igreja, foi onde eu desenvolvi a habilidades de falar em público e a mediação de conflitos. Embora eu tivesse recebido as orientações para me manter longe de brigas, eu continuei achando que meu senso de justiça era necessário, portanto, sempre que possível, eu entrava em confusões por alguma **causa**. Debatia com os professores, pelo simples fato de achar que não deveria ser daquela forma, *nunca deixei de questionar* – minha mãe

fala que é culpa dela, que não criou filho banana – isso já me causou confusões, quem gosta de pergunta é quem pratica reflexão e nem todo mundo está disposto a isso. Nessa época também eu descobri a minha inabilidade para os esportes, teve um semestre, que a pedagoga da escola já me recebia com um óleo verde que ela tinha guardado no armário, tinham ervas para aliviar a dor e eu lembro do cheiro forte de arnica. Não desisti dos esportes, aprendi a ficar menos lesionada só, mas também descobri que ser desastrada também era parte de mim e precisaria aprender a conviver com isso.

Depois dos quatro nos em uma escola estadual, minha família achou importante me mandar para uma escola particular, ganhei bolsa de 70% pelas minhas médias escolares e a proposta da escola era fazer os três anos do ensino médio em dois anos e no temido terceirão para fazer realmente o pré vestibular. E foram assim por três anos, foram nesses anos que eu comecei a ter meus primeiros contatos com o autoconhecimento, eu tinha que então com 17 anos escolher uma profissão, tarefa essa que não é fácil para ninguém, mas isso me consumiu de uma forma tão grande. A pressão de um novo colégio, de muitas matérias – eu cursava 32 matérias – e de ter sempre que pensar em vestibular que aos 14 anos eu passei mal no colégio e ligaram para os meus pais, em 2011 fui diagnosticada com transtorno de ansiedade e gastrite nervosa e eu percebi que tudo aquilo que eu não falava, **meu corpo dava resposta**. Em 2013 o grande vestibular, perdida, com medo e com uma saúde mental extremamente abalada, eu terminei a escola e prestei vestibular, na federal fiz para psicologia e para a PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) eu fiz Serviço Social.

A história de como eu ingressei na maior e mais cara universidade do Paraná é um tanto quanto peculiar. Meu pai sempre me falou que ou seria Federal ou não seria possível e quando me deparei, o curso que eu queria fazer não tinha na cidade e então eu, aos 17 anos pensei em um plano para mudar de cidade e fazer faculdade na UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), onde grande parte da minha família reside, meu pai não gostou muito da ideia, eu já trabalhava e então eu entrei da faculdade, pagando, pois eu não tinha a menor informação sobre os critérios de bolsa, financiamento ou qualquer coisa sobre o ensino superior, embora meus pais sempre tivessem colocado isso como prioridade na minha vida e do meu irmão, a gente nunca teve grandes oportunidades de acesso, eles sempre fizeram o que deu, mas é quando *Bourdieu* aborda, que acessar um capital é acesso

aos outros, por mais que eu buscasse o capital social, eu não tinha o econômico e isso já dificultaria bastante o processo.

A faculdade foi meu processo de redenção, foi ali que eu me apaixonei, onde eu me descobri, onde eu me encontrei, me desencontrei, mas principalmente, pude, pela primeira vez na vida, ser alguém que eu gostaria mesmo de ser. Ela não foi feita apenas só de flores, embora tenha sido nessa época que eu comecei minhas tatuagens de flores (são quatro só de flores até agora), mas foi também nesse processo que eu descobri que ser humano é ser um ser limitado e o **maior aprendizado que eu recebi na graduação é saber que ter limites é ter o conhecimento de si e saber isso é a possibilidade de manter uma possível saúde mental**. De fato, eu cheguei ao final dos quatro anos de graduação com uma saúde mental extremamente adoecida ao ponto do meu corpo físico sofrer com isso. A frase mais presente na minha graduação talvez tenha sido “você não pode abraçar o mundo com as pernas”.

Mesmo diante desse cenário, aproveitei cada espaço da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, fiz PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, fui bolsista de um projeto de extensão pela CNPq na Trilhas Incubadora Social Marista onde também fui estagiária e onde foi a minha grande escola da vida e profissional. Fiz diversos cursos ofertados na universidade, fiz voluntariado e também fui participante de um projeto do Ministério da Defesa chamado Rondon, que mobiliza acadêmicos do país inteiro para trabalhos sociais em áreas em situação de vulnerabilidade social.

Durante a faculdade eu também relembrei o quanto eu gostava de escrever, não somente no âmbito acadêmico, mas gostava da poesia e das histórias que as palavras poderiam alcançar. Foi quando eu lembrei que a **educação não está contida dentro de muros acadêmicos, seja em qual fase escolar esteja**.

Na vivência universitária, tudo que eu poderia colocar meu coração, eu teria minha entrega em mais do que 100%, eu não sabia ser pela metade. O afeto me movimentava, não o afeto pela afetividade, mas pelo que me afetava. Afeto para Spinoza é aquilo que gera mudança ou modificação de forma em conjunta com corpo e mente.

Mergulhei na universidade, fiz estágio no Tribunal de Justiça do Paraná, na Trilhas Incubadora Social Marista. Hoje, eu trabalho em um dispositivo na Rede Marista de Solidariedade que faz atendimento à jovens de 14 à 18 anos, que

fazem/fizeram ou tem histórico na família do uso de álcool e outras drogas, trabalhando na perspectiva da redução de danos, buscando a (re)inserção social dessas/es adolescentes.

Ao entrar na faculdade, eu desejei muito que a realidade nunca fosse algo que anesthesiasse meu coração, que eu pudesse sim trabalhar com a alta complexidade, mas também que eu pudesse lembrar que antes de processos, existiam pessoas, não gostaria de ser uma profissional que faz um simples encaminhamento, **eu pedi para nunca perder o brilho nos olhos e talvez esse seja o maior desafio que eu enfrento diariamente.**

A escolha mais fácil seria não sentir nada, tratar tudo como processo, mas *eu teria perdido o que há de mais bonito na humanidade, que é a habilidade de sentir e isso eu jamais me perdoaria.* Por mais difícil, dura e complexa que a realidade seja, ela está diante dos meus olhos. Por isso eu sabia que além dos desafios profissionais eu teria que cuidar também da minha saúde mental. Um dia desses, eu escrevi “Por fim, preservem-se. A realidade é dura a vida pega nossas esperanças pelo pé, saiba a hora de pedir exílio.” E o cuidado para mim, está diretamente ligado aos processos educativos, absolutamente tudo é educativo se há intencionalidade, se a proposição, o processo será facilitado, porém, **sentar na mesa e um bar e falar sobre coisas inéditas também deveria ser considerado com um grande processo educativo**, o conhecimento está associado ao poder, mas é possivelmente a coisa mais transversal, todo mundo tem algo para ensinar e para aprender. Longe de mim colocar todo o ensino da academia nas caixas e jogá-los no lixo, mas como será possível dialogar entre os conhecimentos populares e os conhecimentos gerados dentro das universidades.

Diante disso, todos os conhecimentos são importantes, desde como sua avó fazia a horta, até o cara que fez pós doutorado em Coimbra, não em clima de comparação, mas lembrando que todo ensinamento deverá ser validado. A educação se constrói na troca de vida, desta forma, em maio de 2018 entrei em uma grande jornada, da qual esse presente trabalho refere-se. Fui chamada a realizar um sonho guardado desde 2011, que seria estudar na Universidade Federal do Paraná, não mais como graduanda, mas sim na pós-graduação. Durante a vivência dos módulos, entramos em jornadas de vários mundos, horas com mais proximidade, horas com menos e por isso esse trabalho existe, como processo de fechamento de um ciclo.

(DES)VENDO, VENDO, (RE)VENDO

Eu comecei a trabalhar no Centro Social Marista no dia 12 de março de 2018 e desde então, eu mergulhei do mundo que falava sobre redução de danos, álcool e drogas, (re)inserção social e tudo que permeava essa vivência. Eu aprendi sobre assuntos que passavam o campo dos saberes técnicos e complexos, mas o que eu mais aprendi foi sobre gente, uma grande amiga que conheci na unidade, fala de um termo chamado “**realidades urgentes**”, fazendo referência aos vários atendimentos que fazemos.

A escolha desse título *(Des)vendo, vendo e (re)vendo* vem de uma das falas incríveis que tive acesso no CSM Propulsão, certa vez, em um atendimento, um adolescente estava chateado com outro e falou “Pô Isa, o cara é mó desumilde” e depois eu percebi, que existiam duas categorias todos os adjetivos e em qualquer palavra eles poderiam colocar o “des” na frente como uma forma de desqualificar algo, alguém ou alguma coisa ou situação. Além de outras diversas formas de comunicação que adolescentes utilizam e eu aprendo e muito com eles.

Em vários momentos eu era a tia Isa, ou a “assistente social”, não sei em qual momento exato que eu senti isso, não haveria dom para o trabalho, mas deveria haver mergulho em águas profundas sobre os estudos sobre juventudes e as temáticas que permeiam essa vivência, se eu afirmasse que “dom” basta, eu acreditaria piamente somente em destino e sinceramente, não sei se ele existe, a verdade é que, tiveram que ser tiradas e retiradas várias camadas do meu próprio julgamento para que eu olhe vidas potentes.

Tiveram dias que eu tinha certeza que não daria conta em outros eu tinha a certeza que era esse o único caminho e que eu teria que enfrentar de alguma forma. Logo em seguida de alguns meses de trabalho, comecei a fazer terapia (coisas que deveriam ser inclusas como direito universal, as pessoas deveriam fazer terapia em qualquer camada societária).

Mas ao chegar ao CSM Propulsão, eu tive perguntas, tantas, que transcenderam horas, dias, semanas e talvez elas não sejam respondidas nos próximos meses ou quiçá anos, elas podem ficar mais intensas ou ainda modificadas. Mas eu vou falar desse lugar, que construí muito significado.

Diante disso, a teoria importa muito para que eu tenha parâmetros éticos que estejam de acordo com o que meus olhos viviam na prática, não posso

simplesmente colocar um frente ao outro, mas preciso botar os dois para um grande diálogo e estabelece o que é considerado práxis. Que é o meu grande desafio profissional, a grande dialética que coloca a roda para não parar, estabelecendo links de um para com o outro sem anular nenhum dos dois.

Comecei a refletir sobre a minha atuação enquanto assistente social, pensando que, somos profissionais que buscamos com ações interventivas por meio de prática profissional, atuar na defesa e na garantia de direitos da população, buscando ao máximo a participação da população de uma forma que assegure a equidade e a diversidade, defendendo um modelo societário diferente do que se constituem hoje, para que isso seja continuado, diante disso, para além só da prática, trago conceitos importante para mim e validados coletivamente no meu local de atuação.

A Rede Marista de Solidariedade – RMS busca atender em suma crianças e adolescentes, atendendo a visão construída por Marcelino Champagnat há mais de 200 anos, a atuação do/a Assistente Social na RMS compreende-se em:

A atuação do assistente social na RMS tem como foco promover e ampliar a qualidade das ofertas de atendimento, considerando as Políticas Públicas de Educação e Assistência Social nas quais a rede atua diretamente, além de fomentar, a partir de espaços de controle social, o debate sobre a defesa dos direitos de crianças e adolescentes no que tange às demais políticas públicas, pautando suas ações prioritariamente na defesa de direitos. (Tecituras, ano 2018)

Com o propósito alinhado com a missão da RMS, o meu trabalho busca ao longo de atuação com adolescentes em uso de álcool e outras drogas a busca pela redução de danos pelo viés da ampliação da vida, entendendo que ampliar direitos é também uma forma de garantir que aquele/a adolescente que apresenta uso de alguma substância precisa de atenção de forma integral.

A importância de um trabalho propositivo alinhado com o Código de ética do/a Assistente Social, permite que, ao longo das intervenções propostas pelos/as profissionais, tenham real compromisso no enfrentamento das expressões da questão social¹. E ao pensar no agir profissional, refletisse também ao projeto profissional:

¹ “Por “questão social”, no sentido universal do termo, queremos significar o conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no curso da constituição da sociedade capitalista. Assim, a ‘questão social’ está fundamentalmente vinculada ao conflito entre o capital e o trabalho” (Cerqueira Filho, 1982: 21). Ou, nas palavras de um profissional do Serviço Social: “a questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade da

Pensar o projeto profissional supõe articular essa dupla dimensão: de um lado, as condições macrosocietárias que estabelecem o terreno sóciohistórico em que se exerce a profissão, seus limites e possibilidades; e, de outro lado, as respostas técnico-profissionais e ético-políticas dos agentes profissionais nesse contexto, que traduzem como esses limites e possibilidades são analisados, apropriados e projetados pelos assistentes sociais. (CFESS, p.40, 2012)

Como citado, destaco alguns pontos dos princípios fundamentais do Código de Ética, bem como:

- I. Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais;
- II. Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo;
- III. Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras;
- IV. Defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida;
- VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; (Código de ética, 2013)

Diante de realidades urgentes como estabelecidos pelos/as adolescentes atendidos/as no CSM Propulsão em situação de uso de álcool e outras drogas é compreendido por Brites (2017) “o caráter ilícito de alguns psicoativos contribui para acentuar situações de violação de direitos [...]. Trata-se de uma realidade que merece atenção qualificada e desafia eticamente a atuação das (os) assistentes sociais.” (BRITES, 2017, p. 272). O meu trabalho com a (re)inserção social está para além de apenas encaminhamentos para a educação, saúde, trabalho e assistência social está diretamente ligado também à redução de danos, como processo que viabiliza a ampliação da vida de forma a buscar a garantia de direitos sociais ao que tange a dignidade humana como possibilidade de vivência. Para Silva (1998, p. 92.), “[...] [a dignidade da pessoa humana] não é apenas um princípio da ordem jurídica, mas o é também da ordem política, social, econômica e cultural. Daí sua natureza de valor supremo, porque está na base de toda a vida nacional.”. Assim como exemplificado por Awad (2006):

Adotar a dignidade da pessoa humana como valor básico do Estado democrático de direito é reconhecer o ser humano como o centro e o fim do direito. Essa prerrogativa é o valor máximo, constitucionalmente falando, o valor absoluto. (Awad, 2006, p.113)

sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia [...] lamamoto, in lamamoto e Carvalho, 1983 ; 77)” (Netto, 1996, p.13)

Esses/as jovens precisam ser assistidos por diversas políticas para que possam ter condições de sobrevivência, porém, como cita Martinelli (2006) “Se reduzirmos a nossa prática a uma resposta urgente a uma questão premente, retiramos dela toda sua grandeza, pois deixamos de considerar, neste sujeito, a sua dignidade humana”. Para isso, cabe para além de propostas interventivas uma escuta qualificada², que busca considerar aquele/a adolescente bem como sua família e o território que está inserido. “Os valores e princípios da ética profissional das(os) assistentes sociais fundamentam-se em uma concepção ontológica do ser social, de bases materialistas e históricas, que inscreve a ética e os valores na práxis.” (BRITES, 2017, p. 273)

Tendo como motim de atuação profissional o trabalho voltado à adolescentes que apresentam uso de álcool e outras drogas, vislumbrando o trabalho no que tange a redução de danos como fio condutor, Araújo e Duarte (2007) asseguram que:

“A estratégia de redução de danos complementa essa perspectiva quando trabalha junto com os usuários de uso prejudicial de álcool e de outras drogas a retomada de sua cidadania, adotando uma direção de trabalho e prevenção, o tratamento e a reabilitação dos usuários de álcool e outras como um problema de saúde pública. A estratégia de danos consiste na direção da produção de saúde do usuário – uma oferta de cuidado diametralmente oposta às propostas da simples abstinência, que visa a remissão do sistema e cura do doente.” (ARAÚJO E DUARTE, 2017, p. 279)

Para pensar em uma atuação tão ampla e complexa, é preciso que ela seja igualmente crítica e propositiva, para que, cada adolescente atendido, bem como sua família sejam compreendidos de forma ampla à um olhar cuidadoso sobre as diversas desproteções sociais que estejam vivenciando, como explicita Teixeira e Braz (2009) “A primeira questão que se deve considerar quando pensamos em projetos (individuais ou coletivos) em uma sociedade de classes é o caráter político de toda e qualquer prática.” (TEIXEIRA; BRAZ, 2009, p.186). A redução de danos, pauta o cuidado em liberdade, bem como é de suma importância que os/as

² Segundo Silveira e Vieira (2005): “É necessário, portanto, qualificar a escuta, construir em equipe uma assistência humanizada e centrada no usuário, de modo a garantir uma resposta positiva aos problemas, ainda que essa resposta seja tão somente acolher – sem significar a permanência do usuário naquele serviço – e realizar um encaminhamento seguro aos demais serviços ou estratégias da rede de atenção. Essa atitude também é responsabilizar-se pela demanda, é uma atitude ética que reconhece no sujeito que sofre alguém que precisa de um primeiro atendimento humanizado e comprometido com sua problemática, independente de apresentar-se com sofrimento psíquico — grave ou não. A postura ética é acolher o sofrimento, seja ele de que ordem for.”

atendidos/as sejam de alguma forma, assistidos por uma rede que busque de fato o enfrentamento das vulnerabilidades diante de um posicionamento crítico consolidado, buscando assim o cuidado integral e não criminalizados de indivíduos.

E para isso, diariamente, suspendemos o julgamento do senso comum, e trabalhamos a droga assim como trabalhamos outros fatores, não como o único que compõe a trajetória daquela ou daquele adolescente. Para isso, o processo empático não é suficiente. Ele não cabe não porque não é necessário, mas sim pelo fato que, por mais que eu queira compreender aquela vida, as realidades são tão urgentes que nenhum processo empático de uma mulher, branca, classe média será cabível, nesse espaço é preciso transbordar.

Parte da metodologia desse lugar que construí o chão que piso é compreendida por tempos institucionais, esses que por sua vez são colocados como formas de identificar como os jovens transitam nesse lugar. O Propulsão, encontra-se na região central de Curitiba. Atende todas as 10 regionais e até mesmo a região metropolitana da cidade. Recentemente escrevemos um texto, em que falávamos desse lugar, o quanto o CSM Propulsão tranvia fissuras, utilizamos dois conceitos, transver, colocado num poema do Manoel de Barros ao mesmo tempo que dialogamos com a psicanálise ao falar da fissura, essa que por sua vez, como aponta Lancetti (2015), é uma tentativa rápida de responder uma lacuna complexa, quando a tentativa fica mais enfática que a consideração do todo. Em uma comparação breve é explicar que o céu é somente azul, sem falar sobre a complexidade de moléculas que o acompanham e todas as reações químicas que o acompanham.

Compartilho nesse presente momento o tal poema que causa inspiração em mim e na equipe da qual pertenço:

*“A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.”
(Manoel de Barros)*

Por fim, volto a falar dos tempos institucionais, esses que levaram grandes debates coletivos, o que é a causa do tempo, ao mesmo tempo, que eu poderia falar que aqui passaram-se 15 minutos, ai os meus breves 15 minutos, simbolizaram horas. Por isso, entendemos que a vivência nesse espaço não está somente

vinculada as horas, dias, meses passados aqui, mas também como essas e esses adolescentes transitaram o espaço.

Desta forma, a jornada de cada jovem iniciasse da seguinte forma: são encaminhados pelos diversos dispositivos da rede pública ou da rede privada que atuam com adolescentes, podendo também virem por demanda espontânea, ou seja, por livre vontade agendam sua triagem, ao chegar na unidade, cada adolescente, preferencialmente acompanhado por seu, sua responsável legal. Passará pela triagem, a fim de conhecer o jovem e seu contexto familiar, vivências de rolê, uso e quais instituições fazem o acompanhamento familiar.

Após triados, são analisados alguns pontos de extrema importância para a inserção ou não daquele adolescente. Sendo elas:

1. Se há/houve uso abusivo de álcool e outras drogas;
2. Quais as desproteções relatadas;
3. Em quais instituições aquele/a adolescente está vinculado;
4. Quais as condições materiais e subjetivas para a participação do CSM

Propulsão.

O e A adolescentes triados, serão inseridos conforme os critérios citados e ao aderirem ao CSM Propulsão fazem parte do T1 (tempo 1) que configura uma aproximação com a equipe, com o ambiente e com outros adolescentes, ou seja, a construção do **vínculo**. Passando para o T2 (tempo 2) que cada jovem terá de forma mais enfática traçadas as duas (re)inserções em diversos campos, educação, saúde, trabalho, família, cultura e outras demandas levantadas pelos jovens, a palavra que predomina nesse momento é **articulação**. Passando para o T3 (tempo 3) que é o período que são pensadas formas que proporcionem a **autonomia** de maneira mais efetiva. Para por fim, encerrar o Plano Singular de Atendimento (PSA)³ de cada jovem. Desde o momento que a/o jovem chega na unidade são construídas de forma coletiva o PSA, perpassando a redução de danos sociais e à saúde⁴ como manuseio dos casos.

³ O PSA foi elaborado a partir de dois instrumentais, o PTS (Plano Terapêutico Singular) que é utilizado na saúde e o PIA (Plano Individual de Atendimento) que é um instrumental da assistência social.

⁴ A compreensão de redução de danos pode ser efetivada de várias formas, sendo a relação de como cada um interage com a droga e de como pode ter um uso seguro de qualquer substância, mas compreendendo que a inserção em Políticas Públicas é uma forma também de reduzir danos sociais e a ampliação da vida tendo seus direitos fundamentais efetivados.

O trabalho com adolescentes reverbera vários sentimentos e transvendo tais fissuras com o uso de substâncias é tirar do lugar apenas do usuário como exclusivamente o “dependente químico”, a redução de danos, propõe também o resgate da identidade de cada um, para além de seu uso, sendo ele recreativo ou abusivo de álcool e outras drogas, essas e esses ainda são adolescentes, tem desejos e sonhos, e por sua vez, de diversas formas de seus direitos violados, sofrem da desproteção social e de realidades tão urgentes que precisam de sensibilidade para a sua compreensão. O CSM Propulsão, com todos os seus componentes, faz com que, os ensinamentos, as trocas e as vivências sejam singulares, cabe colocar que um dos fatores que acho fundamental na redução de danos é compreender a sua dinâmica de uso e não somente o criminalizando.

Diante de todos esses conceitos apresentados, falo que, minha práxis nesse lugar vai além só de estar no papel de assistente social, está diretamente ligado ao humanizar os processos, como um encaminhamento não se configura em um papel sem vida, mas como a gente atribui sentido para

Por todas as vezes que eu transbordei nesse lugar, me fiz ainda mais presente. Na minha construção de atuação profissional, se fazer presente aponta um grande balizador do **afeto**. Por afeto, existem diversas categorias e eu gostaria de falar, sobre todas elas, por mais que todas seja um conceito quase inalcançável.

Afeto, afetar, afetivo, afetividade, afetado, *a de amor, f de fraterno, e de ensino, t de transformar, o de objetivo*. Poderíamos começar assim essa narração? Cabe ao espaço? Pois uma coisa pode ser uma coisa e outra e não necessariamente ela é uma coisa ou outra, não é mesmo? O mundo colocado de forma dualista fez com que víssemos com clareza o preto e o branco, mas que não olhássemos nem por um segundo para imensidão de tinturas cinza que existem nos céus de Curitiba, ou nas roupas que aquecem nossos corpos nos dias frios.

A palavra afeto vem para nós como um peso, em geral é colocado como algo que tivemos ou não, mas existem três principais formas que eu consigo ver o afeto.

Em um primeiro momento, vemos o afeto com carinho, afeição por algo, alguém ou por algum objeto. Ou seja, a partir de uma relação construída de confiança, pelas trocas de carinho, carícias, beijos, abraços e formas de demonstrar carinhos.

Outra forma de afeto é o processo de afetar, afeto é aquilo que de alguma forma impacta a vida do outro, que causa em algum sentimento, sem atribuição de valor sobre bom e ruim, algum sentimento.

E por fim, a concepção de Espinosa segundo Marques (2012):

Os afetos têm um papel central na filosofia de Espinosa na medida em que esta é uma filosofia prática. Segundo Pierre Macherey, em seu livro de introdução a “Ética” (1998), no volume dedicado à terceira parte do livro de Espinosa, a teoria dos afetos é o que torna possível a passagem de um ponto de vista teórico para um ponto de vista prático, mudança de perspectiva que se configura como uma passagem do âmbito objetivo para o âmbito (inter)subjetivo da experiência, já que o conhecimento só é alcançado por meio dos afetos. Espinosa parte da produção da natureza em sua totalidade para chegar às relações características do humano, porém, sem impor uma descontinuidade entre ambos: as relações que compõem o homem não se distinguem das leis universais da natureza, formando um único plano de imanência. Nesse sentido, a afetividade humana se constitui como uma expressão particular da potência global da natureza. (Marques, 2012, p. 13)

A grande questão, as três lentes pelas quais posso ver o afeto, elas são de fato três? Ou há de fato, uma convergência entre elas? Quando eu falo que o afeto gera transformação, ele não precisa aderir algum sentimento e o sentimento não é por sua vez, gerado por trocas de carinhos, mesmo que não sejam físicas?

Em uma das minhas andanças pela unidade, me questioneei, se falamos que afeto é tão importante, será que esses adolescentes sabem o que é isso, de qualquer forma, eles sabem o que essa palavra significa? Esse momento foi balizado por um adolescente que chegou na unidade e no dia anterior eu tinha escrito no quadro do café para o encontro de mulheres⁵ “Aqui é um lugar de afeto” e ele lendo a frase, perguntou para uma das pessoas da equipe “tia, o que é afeto?” ela o abraçou e falou, isso também é afeto.

Diante dessa narrativa, eu queria saber o que eles entendiam por afeto, no momento das perguntas coloquei três perguntas:

- Quando eu falo a palavra "afeto" o que vem na sua cabeça?
- Você vê o afeto como uma coisa boa ou ruim?
- Como você explicaria o que é afeto para um/a amigo/a

Iniciei cada conversa falando que assim como eles, eu também estudava e que cada vez a gente estuda mais para saber que no final, sabe muito pouco e por

⁵ Os encontro de mulheres foi um espaço pensado para atender as mães, tias, irmãs, avós dos adolescentes que, de alguma maneira tem vínculos com eles e em geral são as responsáveis por seus cuidados, visto que elas são as que mais são demandas e as responsabilizadas por uma sociedade estruturada pelo machismo que as mulheres são vistas como as cuidadoras.

isso que estava fazendo aquelas perguntas, porque elas eram importantes para mim e depois da conversa a gente teve a oportunidade de compreender o que era afeto, diante das visões já citadas.

No momento da formulação das perguntas para os adolescentes, estávamos com uma baixa no atendimento, estávamos com certa de 12 adolescentes ativos, ou seja, matriculados e vindo, cerca de 10 em busca ativa, 3 jovens em cumprimento de medida sócio educativa em regime de privação de liberdade e outros 2 em internamentos psiquiátricos.

QUADRO 1 – PERGUNTAS SOBRE AFETOS

| Adoles. | Gênero | Idade | Quando eu falo a palavra "afeto" o que vem na sua cabeça? | Você vê o afeto como uma coisa boa ou ruim? | Como você explicaria o que é afeto para um/a amigo/a |
|---------|--------|-------|--|--|--|
| Y.R | M | 15 | "Uma coisa que eu não gosto muito de falar, me lembra minha mãe e isso é uma coisa que me afeta, minha família me afeta muito, queria 'tá com eles agora" | Pode ser uma coisa triste ou feliz, uma coisa pensativa | Para onde você sente. Pode ser feliz, triste, culpado. Isso é uma coisa que me afeta [fez referencia à culpa] do roubo, é uma coisa que eu nunca mais quero fazer. |
| T.N | F | 17 | "eu não sei o que é afeto" [falei que não tinha certo nem errado, que era a visão dela] "uma coisa que me afetou bastante foi as paradas que rolou com o meu tio quando eu era mais nova, meu trampo também me mudou, eu vi coisas novas e tive mais responsabilidade" | "Eu acho que as coisas negativas afetam mais a gente do que as positivas." | "afeto são as coisas que mudam a gente" |
| D.F. | M | 16 | "Ah, é um sentimento, amor, confiança, depende do tipo de afeto, mas é com quem você confia" | "Afeto é algo positivo, mas depende da pessoa" | "Explicaria que é um sentimento tipo de paixão por alguém" |
| L.F | M | 15 | "Uma coisa que me afeta e me deixa mal" | "Acho que é negativa" | "Eu daria um exemplo, falaria da minha família, que é algo que me deixa muito triste." |

| | | | | | |
|------|---|----|--|---------------|------------------------|
| A.H. | M | 17 | "Problemas" "Malemá sei que palavra é essa" "Não sei direito o que é, mas deve ser uma pessoa ser próxima da outra também" | "positiva né" | "não sei explicar não" |
|------|---|----|--|---------------|------------------------|

FONTE: O autor, (2019).

Gostaria que após apresentar esses dados, eu pudesse falar que, todos os jovens souberam o que é o afeto em sua ampla percepção, que afeto de afetividade eles recebem todos os dias e que como fala Spinoza o afeto é o que transforma. Mas, como falar daquilo que você sequer experimentou? Como falar daquilo que a memória não resgata, eu jamais poderia falar de afeto, se eu mesma não pudesse colocar em memórias vivas.

Poderíamos entrar também na questão do afeto como afeição, que por definição do dicionário apresenta ser "*substantivo feminino*. ligação afetiva; sentimento amoroso em relação a; afeto, afeição." O que gera transformação na vida desses jovens? O que afetou sua vida, mas o que lhe é grande motivo de afeto? Suas histórias contam diversas violações de direitos, partes difíceis e por vezes, vários tratamentos na área da saúde.

Como já coloquei, os grandes autores colocam que afeto é aquilo que gera mudança ou modificação de forma em conjunta com corpo e mente. Esses corpos e mentes foram modificados, talvez não como eu ou você desejássemos ou como uma sociedade inteira idealizou, mas a transformação rolou, o que fazemos com ela? Acessamos, e com esses acessos vêm grandes responsabilidades, eu não posso somente romantizar essas histórias em fatos dados, laços frágeis são assim mesmo, a vida acontece, seria imprudente da minha parte, mas para além disso, seria cruel da minha parte que a vida só é, **não está**. *Ela está em constante mudança*. Ela está para quem vive e para quem vê de fora. Os fatos não param e não vão parar de nos transformar, mas qual mudança disponibilizamos para quem está perto fere ou deixa um pouco de afago?

Gostaria de contar a história deles em cada detalhe, de trazer a unicidade da minha história, com a história deles para fazer a nossa. Gostaria, que os diversos serviços que eles passaram falassem de garantia de direitos e das paixões que eles viveram, do que foi gostoso na vida, que a gente desse uma pausa nas grandes tragédias de vida para olhar com cuidado para o lado doce, sem esquecer que o amargo também faz parte dos sabores e saberes.

FICAMOS OU DEIXAMOS?

Detesto o termo “Considerações finais” quem sou eu no mundo, para considerar algo finalmente se não só colocando um ponto final em tudo isso, eu que por pura criação e a temida “personalidade forte” (segundo minha terapeuta é desculpa pro meu grande ego – isso é claro que nas minhas palavras, afinal de contas, o texto é meu e a vivência foi minha).

Em suma, de tudo que eu sou, não sei se sou tudo que eu penso que sou ou se sou uma grande ideia de quem eu gostaria de ser, mas em minha grande insignificância no universo, eu gostaria de findar o texto por puros meros acadêmicos, meu trabalho continua, meus estudos continuam, a vida continua, mesmo que até eu não continue. Ficamos ou deixamos, gostaria eu de dizer que tenho fórmulas mágicas daquilo que, em minha tamanha insignificância acredito ser o que move a raça humana, afetos! Gostaria de concretizar em palavras e em pesquisas, que o afeto por si só, em qualquer concepção é acessível à todas e todos! Em minha tamanha pequenez, eu vejo afetos como alimentos da alma, sem nem ao certo saber se ela existe, mas diante da complexidade da vida, eu gostaria de dizer, que o afeto existe mesmo quando não nomeado, ele se concretiza sem a escrita, pois a memória, mesmo que falha, se estronda em lágrimas ao lembrar de um carinho ou de um abuso, pois afetos não são só doces, são o amargo que coloca barreiras em um corpo. Se eu sou um corpo, se eu sou uma alma, se eu sou algo ou se não sou nada, eu não seria capaz de falar, não há estudo que possa falar o que eu sou ou o que eu não sou. Sei apenas que minha existência é traçada por histórias cruzadas que fazem sentido para aquilo que atribui somente. Não sou nem capaz de falar que minha história existe de fato, tudo que escrevi pode ser uma grande mentira, talvez a memória seja uma grande falácia, mas é a minha própria tagarelice, portanto, mesmo que seja uma grande ilusão, deixa-me viver com ela, no final é a minha história, contada por mim, uma grande mentirosa ou extremante lúcida, pouco importa.

REFERÊNCIAS

AWAD, Fahd. O **princípio constitucional da dignidade da pessoa humana**. Revista Justiça do direito passo fundo V. 20 N. 1 p. 111-120, 2006

CFESS, Conselho Federal de Serviço Social. **Atribuições privativas do/a Assistente Social em questão** – Comissão de Fiscalização CFESS – Gestão “tempo de luta de Resistencia” (2011-2014). 1ª Edição ampliada, 2012

CFESS. , Conselho Federal de Serviço Social. **Código de Ética do/a Assistente Social** (Lei 8.662/93). Brasília: CFESS. 1993.

LANCETTI, A. **Contrafissura e Plasticidade Psíquica**. São Paulo: Hucitec, 2015.

MARQUES, Mariana Ribeiro. **Afeto e sensorialidade no pensamento de B. Espinosa, S. Freud E D. W. Winnicott**. Sistema de biblioteca: Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro-Sistema Pergamum; Número de chamada: 150 M357a (2012)

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Reflexões sobre o Serviço Social e o projeto éticopolítico profissional** / Localización: Emancipação, ISSN-e 1982-7814, Vol. 6, Nº. 1, 2006, págs. 9-23 < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4022679>>

NETTO, José Paulo. **A construção do projeto ético-político contemporâneo**. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999. _____. Capitalismo monopolista e serviço social. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1996. 165 p

TEIXEIRA, Joaquina Barata; BRAZ, Marcelo. **O projeto ético político do Serviço Social**. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. – Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. 760 p. (Publicação: Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS v.1) (p.185-199)

SILVEIRA, Daniele Pinto da, *; VIEIRA, Ana Luiza Stiebler. **Reflexões sobre a ética do cuidado em saúde: desafios para a atenção psicossocial no Brasil.** Estud. pesqui. psicol. v.5 n.1 Rio de Janeiro jun. 2005 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812005000100007> Acesso em 10/10/2019